

# A SUPOSTA "DOCTRINA DA MATA"

Luiz Carlos C. Teixeira de Freitas

Aqui ou acolá, teima em reaparecer a suposição de a doutrina daimista ser a "doutrina da mata", como se fosse exclusivamente o produto de uma região (a amazônica), um povo (o acreano) ou uma cultura (a brasileira).

Realmente o é também, já que foi revelada em plena floresta, quando mestre Raimundo Irineu Serra, Juramidam, era seringueiro na divisa entre Acre, Bolívia e Peru, mas tem relevância muito mais significativa e evidente – para quem nela crê – do que se fosse apenas fruto da religiosidade local ou resultado da fusão de tradições tão distintas e incompatíveis quanto a pajelança amazônica, o catolicismo popular, o espiritismo kardecista e os sistemas de crença de origem africana, como também se insiste em afirmar.

Em momentos assim sempre me pergunto: onde residirá a dificuldade – ou resistência íntima – em admitir que a doutrina daimista decorre de uma das mais vigorosas ocorrências de "revelação privada" de Maria, Mãe de Deus, dentre todas as ocorridas no século XX?

Cabe esclarecer aqui que "revelação privada" é expressão adotada por teólogos em Mariologia para denominar os raros episódios nos quais a Virgem se revela em seu esplendor a um ser humano e, desta forma, auxilia na propagação ou reafirmação da missão de nosso Senhor, Jesus Cristo.

Ou, como explica o Catecismo da Igreja Católica (artigo 67), "*no decurso dos séculos houve revelações denominadas "privadas" (...) A função delas não é 'melhorar' ou 'completar' a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a viver dela com mais plenitude em determinada época da história*".

Por que então não se encara, com detalhamento e profundidade, o fato de que – sob o que ainda parece a alguns ser só uma "doutrina da mata", voltada a louvar cipós e árvores e rios e astros – brilhou em uma verdadeira missão cristã e mariana a chama fiel do amor de Deus, uma vez mais se manifestando e chamando seus filhos a se entregar ao Seu amor, por amor ao próximo e a Ele, acima de todas as coisas, como nos ensinou nosso Senhor, Jesus Cristo (**Mt, 22:40**)?

Qual "complexo de vira-lata", para utilizar aqui a celebrada expressão de Nelson Rodrigues, impede a tantos de cogitar com firmeza que, assim como ocorreu em Fátima, Guadalupe, Lourdes e Medjugorge, a mata amazônica foi no correr do século passado palco de verdadeira epifania ("manifestação do sagrado"), a qual se revelou e desdobrou na doutrina daimista?

**A VERDADE DE FÉ EXPRESSA NOS HINOS** – Pela primeira vez, nos escritos propostos a esta lista (<http://br.groups.yahoo.com/group/doutrinadaimista/>), estarei adotando, como alicerce de demonstração, juntamente com hinos da base doutrinária, hinos que não a compõem.

Porque tais hinos também podem nos ajudar a compreender melhor a verdade da doutrina daimista e, para isto, nada melhor do que hinos de Sebastião Mota de Melo, carinhosamente chamado de “padrinho Sebastião” ou “velho Mota”, já que ele é tido publicamente como o principal daimista divergente da doutrina revelada por mestre Irineu entre 1930 e 1971 e fundador, segundo muitos, de “uma forma diferente de servir a Deus” – ou “outra doutrina”.

Com sinceridade, pergunto-me hoje se o velho Mota foi antes vítima do que artífice do processo descontrolado de expansão do uso de daime que teve início após o final da década de 70 em todo o Brasil – em que pese o erro fundamental de ter adotado a maconha para embasar sua forma de serviço espiritual (“*Santa Maria, que escolhi para me guiar; ela é quem me ilumina na estrada para andar*”, como canta em seu segundo hinário – **NJ**, 6) e, na seqüência dos acontecimentos, tal qual relato no “O MENSAGEIRO” ([www.juramidam.jor.br](http://www.juramidam.jor.br)), a decisão de estabelecer um “embate espiritual” com o “pai-de-santo” Ceará, quando tudo se desordenou de vez.

Porque seu primeiro hinário, “O JUSTICEIRO”, é de obediência ao mestre Irineu de ponta a ponta e de reafirmação integral da doutrina cristã e da missão mariana de Juramidam, ao passo que apenas no segundo, “NOVA JERUSALÉM”, desdobrado após tais episódios de triste memória, é que os desvios doutrinários com o uso de outras plantas (maconha, cogumelos e cactos) se acentuaram notadamente.

Mas vamos à história e comecemos pela suposta devoção à floresta.

Para começar, o clássico hino de mestre Irineu:

*“De longe, eu venho de longe  
das ondas do mar sagrado  
para conhecer os poderes da floresta  
e a Deus amar” (MI, 110).*

Louvor à mata? Devoção aos astros? Culto às árvores? Adoração a plantas?

Que nada!

Como registro no “O MENSAGEIRO”, “*a despeito de até já ter sido escrito que os hinos ‘louvam a floresta que fornece a matéria-prima para a bebida’, na doutrina daimista não há devoção a ‘poderes’, nem mesmo aos da floresta, não há culto ou entrega a eles, não há tentativas de absolutizar o relativo, nada há senão o atento respeito que lhes é devido, como importantes parcelas da obra de Deus. Por tal razão o que há, e sem ambigüidade, é a firme atitude de conhecer tais parcelas, no caminho de conhecer Deus, mas com o amor, a devoção e a gratidão voltados unicamente ao Senhor: a floresta é apenas palco da epifania, ou manifestação reveladora de Deus, como o foram os montes Sinai e Tabor e o deserto*”.

A quem ocorre aplaudir o palco e, não, Quem o ocupa?

Também assim, em seus 182 hinos (se somados os dois hinários), o velho Mota canta a palavra “floresta” em apenas quatro versos:

- a. “*eu vivo na floresta*”,
- b. “*a floresta se embalou*”,
- c. “*na floresta, na terra e no mar*” e
- d. “*meu Deus da floresta*”.

No primeiro:

*"Eu vivo na floresta,  
eu tenho meus ensinamentos.  
Eu não me chamo daíme,  
eu sou é um ser divino" (OJ, 6).*

No segundo:

*"Te lembrando do ser divino,  
o universo estremeceu,  
a floresta se embalou,  
porque tudo aqui é meu" (OJ, 22).*

No terceiro:

*"Vou ligar meu pensamento  
só aonde eu devo ligar:  
no sol, na lua, nas estrelas,  
na floresta, na terra e no mar" (OJ, 141).*

No quarto:

*"Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!  
Meu Deus da floresta!  
Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!  
Aqui ninguém conversa!" (OJ, 154).*

*"Deus da floresta"?*

Canta o velho Mota:

*"O amor eterno de Deus  
vive nas matas sombrias.  
É uma luz maravilhosa  
que alumia aqui todo dia" (OJ, 141).*

Apenas isso...

Pois, como ensina o Livro da Sabedoria (**13: 3**), *"se, encantados por sua beleza consideram-nos como deuses, que saibam quanto o Senhor dessas coisas lhes é superior, pois criou-as Aquele que está na origem da beleza"*.

Canta mestre Irineu:

*"Eu vou cantar, eu vou cantar,  
de joelhos em uma cruz.  
Vou louvar ao Senhor Deus,  
Foi quem me deu esta luz.  
Essa luz é da floresta,  
Que ninguém não conhecia.  
Quem veio me entregar  
foi a sempre Virgem Maria" (MI, 65).*

Muitos anos após a passagem de mestre Irineu, cerca de uma década depois, teria início a "devoção à floresta", na esteira do movimento mundial de proteção da região amazônica e da descoberta, pela indústria mundial do entretenimento, do forte apelo que a mata virgem exerce sobre todos (quem não recorda a "Rain

*Forest Foundation*", criada pelo cantor Sting, para a qual até Tom Jobim colaborou?).

"*Quem veio me entregar, foi a sempre Virgem Maria*": esta foi a afirmação constante de mestre Irineu, dos idos dos anos 20, época provável da primeira revelação privada, ainda ao meio dos seringais, até sua passagem em 1971: "*a minha Mãe disse para mim*" (**JP**, 42), "*a Rainha, minha Mãe, foi quem veio me ensinar*" (**AG**, 02), "*minha conselheira chegou*" (**MD**, 32), "*a nossa Mãe foi quem mandou*" (**GG**, 11) e "*me dá todos os ensinamentos*" (**MI**, 129).

Assim canta também o velho Mota:

*"é a voz de Deus,  
é a santa luz,  
é a voz da Virgem Mãe,  
é a clareza da luz"* (**OJ**, 128).

Pois desde os primórdios da doutrina daimista foram os "*ensinos da Virgem Maria*", como dezenas de hinos da base doutrinária atestam, que orientaram mestre Irineu em suas decisões sobre a doutrina daimista, das cruciais às corriqueiras.

Quanto a isso, entra-se em matéria de fé; e, neste campo, vai-se além do argumento: há crença ou não no que a base doutrinária prega.

E naquilo o velho Mota canta:

*"Os ensinamentos da Rainha,  
todos eles são divinal.  
Eles são das cortinas,  
lá do alto do astral"* (**OJ**, 6).

Pois, como ensinou são João da Cruz, "*a fé (...) faz crer verdades reveladas pelo próprio Deus e que estão acima de toda luz natural, excedendo, sem proporção alguma, a todo humano entendimento*", já que "*a fé é um modo de possuir desde agora o que se espera, um meio de conhecer realidades que não se vêem*", conforme escreveu o apóstolo Paulo aos hebreus (**Hb**, 11:1).

E para não haver dúvida sobre qual Rainha está sendo louvada, ouçamos João Pereira:

*"Vós sois Mãe de Deus  
e Vós sois Mãe minha  
e Vós sois a luz  
e Vós sois Rainha"* (**JP**, 13).

E Maria Damião:

*"Até que eu me firmei  
que era a Virgem Maria,  
e Vós vem é me entregar  
para esta missão eu cultivar"* (**MD**, 40).

**A DESCARACTERIZAÇÃO GRADATIVA** – Após a passagem de mestre Irineu deu-se a separação entre o velho Mota e a sede de serviços no Alto Santo, a única sede daimista à época.

Este afastamento, antes de decorrer de uma clara diferenciação de propostas espirituais, ou "linhas", como apressadamente se diz por aí, derivou de aspectos pessoais conflituosos envolvidos na delicada relação entre Leôncio Gomes, que ficara à testa da direção dos serviços, e Sebastião Mota de Melo.

Tanto que, logo após a cisão, firmada em 1974, muitos irmãos de primeira hora – entre eles dona Percília Matos da Silva, que havia sido "braço-direito" de mestre Irineu por mais de 40 anos – acompanharam o velho Mota e passaram a servir na "Colônia 5.000", como a atestar que a orientação e o propósito espirituais eram os mesmos, até então.

Canta João Pereira:

*"Eu pedi a meu mestre  
para eu seguir nesta linha,  
com Deus e Jesus Cristo  
e o juramento com a Rainha" (JP, 36).*

Muitos deles, todavia, voltaram atrás alguns anos mais tarde, quando o velho Mota decidiu introduzir o uso da maconha nos rituais que dirigia.

Canta Antonio Gomes:

*"Eu rogo ao meu Pai eterno  
que eu não perca a minha linha,  
para eu seguir nesta estrada  
com meu mestre e a Rainha" (AG, 34).*

Então, mais do que o brotamento de uma forma própria de trabalho, ou de outra "linha", ou até mesmo de outra "doutrina", o que se viu foi a manutenção de todos os princípios de fé antes existentes e da dinâmica ritualística anteriormente praticada – como até hoje –, embora desviando-se por meio do uso da maconha e, gradualmente, até porque esta planta apresenta identidade com a proposta umbandista de serviço espiritual, dada a facilitação de incorporação com abolição de consciência, a adoção crescente de práticas rituais e de alguma nomenclatura da umbanda e de outras Tradições.

A partir da década de 80, então, quando as práticas de uso de daime desbordaram a capital acreana de Rio Branco e vieram para os grandes centros urbanos do Sul e Sudeste, e daí para vários países do mundo, o que passou a ser mostrado à opinião pública foi uma doutrina que tinha o vigor da daimista mas portava os acréscimos implantados pelo velho Mota (maconha e umbanda) e gradativamente foi assumindo um perfil experimental que descaracterizou cada uma e todas as vertentes envolvidas, no caldo geral da cultura "nova-era" – a qual, como já lembrei no "O MENSAGEIRO", *"de 'nova' tem apenas o nome, já que é uma amálgama de religiões ou teorias bastante antigas, como as hinduístas (desenvolvidas nos quinze séculos anteriores a Cristo), as gnósticas (que vêm desde os primeiros séculos da era cristã) e as teosóficas (surgidas na Europa em 1875), acrescida de noções retiradas do budismo, do zen-budismo e do espiritismo kardecista, entre outros, e enriquecida com rudimentos variados de informação científica e estímulos sensoriais de todos os tipos"*.

Mas a doutrina persistiu, nas poucas casas obedientes a ela, pois como canta o padrinho Sebastião,

*"Esta luz é da Virgem da Conceição.  
Foi Ela quem mandou  
eu me unir com meus irmãos" (OJ, 4).*

Também alertando:

*"Quem não seguir nesta linha  
não diga que é irmão,  
que esta é a doutrina  
da Virgem da Conceição" (OJ, 36).*

Qual doutrina?

*"Todos podem se lembrar  
do tempo de Noé.  
A doutrina do meu Pai  
eu ensino como é" (OJ, 71).*

Então, o velho Mota, assim como antes dele mestre Irineu e toda a base doutrinária, cantaram a *"Lei e os profetas"*, os quais, na expressão de nosso Senhor, Jesus Cristo (**Mt, 5**: 17-19), são o fundamento da doutrina cristã, razão pela qual

*"Jesus Cristo veio ao mundo  
replantar santa doutrina.  
Os descrentes assassinaram  
E ainda hoje é quem me ensina" (MI, 59).*

Para uma vez mais reafirmar-se, agora em solo brasileiro e em uma missão mariana, já que

*"O brilho que Vós tendes  
é onde está o primor.  
Dou viva à nossa Mãe,  
que é a Mãe do Salvador" (OJ, 39).*

Qual Salvador?

Jesus Cristo, O único que salva, Filho eterno de Deus, Verbo um dia encarnado homem, por amor à humanidade.

Não uma entidade sincretizada, não um deva hinduísta, não um avatar algum dia encarnado entre nós, mas nosso Senhor, Jesus Cristo, *"o caminho, a verdade e a vida"* (**Jo, 14**: 6).

E para quem ainda tem dúvidas sobre o perfil cristão trinitário da doutrina daimista, veja o que o próprio padrinho Sebastião canta – embora já no final de seu segundo hinário e mesmo após o recrudescimento dos desvios que foram o uso da maconha ou demais plantas e a adoção de práticas cultuais da umbanda:

*"Estou no ar, estou no mar e na floresta,  
são três pessoas, que num só se encerra,  
são três pessoas, que num só se encerra" (NJ, 20).*

Ou, como cantara décadas antes João Pereira, na base doutrinária:

*“São três poderes, são três amores,  
são três luzes, são três primores.  
O mestre que nos ensina  
a Ele nos entregou.  
São três vidas e um só resplendor  
Do meu Pai criador,  
Agora junto eles todos  
e reduz em um só amor” (JP, 35).*

**UM DEUS VEGETAL?** – Então, quando se ouve por aí tentativas de caracterizar a doutrina daimista como vegetalista, “que cultua vegetais”, como tantas tradições sul-americanas o fazem – e, entre elas, ayahuasqueiros –, vê-se apenas o fruto amargo da tentativa continuada de desfibramento da doutrina daimista, no bojo de um elaborado procedimento que almeja conquistar hegemonia no cenário “nova-era” de práticas espirituais ou supostamente espirituais.

Um processo que parece mais preocupado em arregimentar público pagante do que manter fidelidade aos princípios da fé cristã, já que, como relata um email recentemente circulado em uma lista de discussão na rede Internet, “*O Santo Daimista tanto tem objetivos religiosos (a expansão da doutrina) como objetivos militares (salvar a floresta e o planeta). A reforma administrativa que criou o novo IDA-Cefluris avançou bastante na conciliação destes dois grupos de objetivos institucionais [mas] a questão se complica, uma vez que o Conselho Administrativo Regional também imagina poder legislar sobre, por exemplo, que determinada bilheteria de determinado centro deve ser utilizada para um fim determinado, sem a concordância de seu dirigente e/ou corpo de fardados. A regional tem caráter federativo e associativo (tese de autonomia dos centros em rede) ou os centros são meras franquias administradas a partir de um ponto de apoio regional, que pode então se beneficiar desta centralização. Este modelo de matriz-filial, em que o ponto mais antigo, o maior ou o mais bem localizado, é colocado como supervisor das atividades de outros pontos, foi abandonado por praticamente todas as grandes empresas modernas”.*

“Militar”? “Bilheteria de determinado centro”? “Franquias”? “Matriz-filial”? “Empresa moderna”?

Assim, os mesmos que condenam as igrejas institucionalizadas por seu expansionismo histórico, ambicionam o mesmo objetivo – e certamente isto nunca fez parte do propósito da doutrina daimista!

Alerta mestre Irineu:  
*“A Rainha, minha Mãe,  
que me mandou eu cantar  
e ensinar os meus irmãos,  
aqueles que procurar” (MI, 35)*

Todavia, para propiciar o cenário mais conveniente ao atingimento de tal objetivo aliciante, continua sendo necessário apregoar o suposto vegetalismo

animista e supersticioso da doutrina, desfigurando-lhe a imagem ao ponto que seja necessário para atrair seguidores pela frouxidão doutrinária: *"tudo pode"*.

Canta Alfredo Gregório de Melo,  
*"Estes seres reunidos  
são a força criadora  
que brilha neste jardim  
da nossa Mãe protetora"* (OC, 10).

Quais "seres"? No hino, a chuva, o trovão, o sol, as estrelas.

Os mesmos a quem é pedido "força":

*"Eu pedi força do céu,  
da floresta e do mar.  
Agora aqui, pronto, estou  
pronto para trabalhar"* (OC, 113).

*"Foi o fogo, o sopro ou o ar veloz, o ciclo dos astros ou a água impetuosa, ou os luzeiros do céu regulando o curso do mundo, que eles tomaram como deuses"* (Sb, 13: 2).

Pois, conforme tal visão animista – que em nada se aproxima da doutrina daimista – os vários reinados da natureza têm "reis" e "rainhas":

*"Eu peço conforto aos Reis  
do céu, da floresta e do mar.  
Peço conforto às Rainhas  
para nos iluminar"* (OC, 26).

Ou, em uma inversão total da Escritura, aquela mesma que Jesus Cristo afirmou *"que ninguém pode abolir"* (Jo, 10; 35),

*"Patriarca são José,  
dominador desta luz,  
nos guiai neste caminho  
como guiastes Jesus"* (OC, 19).

Em qual trecho da Escritura José "guia" Jesus, como se o Filho de Maria, Deus feito carne, precisasse da guia do esposo de sua Mãe?

Canta mestre Irineu:  
*"Patriarca são José,  
Vós, esposo de Maria,  
Que o divino Pai lhe deu  
para Vossa companhia"* (MI, 36).

Infelizmente, contudo, o processo aliciante e voltado a gerar "bilheteria" continua recebendo – de bom grado! – a colaboração por vezes ingênua daqueles que, a título de exegeses, dissertações ou teses, fazem por tentar manter tal suposto perfil teológico e doutrinário vegetalista, supersticioso e mistificador, disseminando uma imagem errada da doutrina daimista.

A título de exemplo, o velho Mota canta:

*"Quando tu estiver doente,  
que o daime for tomar,*

*te lembra do ser divino,  
que tu chamou para te curar” (OJ, 22).*

Diferentemente, há anos se canta “que tu tomou para te curar”, ao invés de “que tu chamou para te curar” (<http://www.daime.org/site/pages/sebast/seb24set-PT.htm>), alterando radicalmente o significado do hino e buscando emprestar à bebida “que tem poder inacreditável” (MI, 127) o atributo de “ser divino”, donde, se assim fosse, com razão acreditar que o próprio velho Mota seria vegetalista.

(Ver imagem postada nos arquivos da lista, juntamente com este texto.)

“Santo Daime”?

Em nenhum dos hinários da base doutrinária nem a expressão “daime” ocorre, pois a bebida é principalmente o agente expensor de si que favorece a ação do Espírito santo de Deus, se a Este convier e como convier, “*pois o santo Espírito, educador, foge da duplicidade, afasta-se dos pensamentos tolos e se perturba quando sobrevém a injustiça*” (Sb, 1: 5).

A doutrina sempre foi a de nosso Senhor Jesus Cristo, Salvador, um dia pregada entre pedras e areia, donde o deserto, o turbilhão de vento, os figos e os cardos da Escritura, e agora pregada no seio da floresta amazônica, com os mornos aromas de verde, mata úmida e arvoredos presentes nos hinos.

Canta mestre Irineu,  
“Jesus Cristo me mandou  
para mim vir ensinar:  
replante a santa doutrina  
e Deus te dá um bom lugar” (MI, 89).

Canta Antonio Gomes:  
“Vamos todos, meus irmãos,  
aprender com alegria  
a doutrina do Redentor,  
Filho da Virgem Maria” (AG, 20).

Mas de que adianta, se teimam em crer e afirmar que a doutrina do Redentor transformou-se em doutrina de astros e plantas e vento e mar?

Por isso desde a década de 70 o velho Mota lamenta:

“A meu Pai peço conforto  
para ensinar aos meus irmãos  
a doutrina do Salvador.  
Ninguém prestou atenção” (OJ, 77).

---

Neste texto foram citados hinos dos seguintes hinários, sempre com o número em que ocorrem no hinário:

1. Mestre Irineu – O CRUZEIRO UNIVERSAL – **MI**
2. Germano Guilherme – **GG**
3. João Pereira – **JP**
4. Maria Damião – **MD**

5. Antonio Gomes – **AG**
6. Sebastião Mota de Melo – O JUSTICEIRO – **OJ**
7. Sebastião Mota de Melo – NOVA JERUSALÉM – **NJ**
8. Alfredo Gregório de Melo – O CRUZEIRINHO – **OC**